



## **A HISTÓRIA ORAL COMO ITINERÁRIO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONSTRUINDO NARRATIVAS DE “ACEITAÇÃO DO OUTRO COMO LEGÍTIMO OUTRO”**

Clarissa Haas<sup>1</sup> – PPGEDU/UFRGS  
Agência financiadora: CNPQ

**Resumo:** O presente artigo é um recorte de meu projeto de pesquisa de pós-graduação em Educação, em fase de desenvolvimento, cuja temática central é a reflexão sobre as trajetórias de vida de jovens e adultos com deficiência em processo de escolarização na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, tendo, como contexto específico, a Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul (RS). Introduzo à discussão os primeiros desdobramentos deste trabalho: a contextualização histórica da metodologia de história oral e sua afirmação como campo de conhecimento multidisciplinar no meio acadêmico; a metodologia de história oral como caminho teórico-metodológico profícuo para o desenvolvimento de pesquisas em Educação Especial na perspectiva de Educação Inclusiva, pautada em um paradigma sistêmico de compreensão de ciência. A construção desse olhar é proposta a partir da interlocução com o biólogo chileno Humberto Maturana.

**Palavras-chaves:** História oral. Narrativas. Jovens e adultos com deficiência. Pensamento sistêmico.

### **1 A configuração de contornos e bordas à temática de pesquisa**

No intento de pesquisar os sujeitos jovens e adultos com deficiência e suas trajetórias de vida, tendo como recorte espaço-temporal sujeitos em processo de escolarização na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, na Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul, proponho, inicialmente, a configuração dos contornos e bordas que assumem esta pesquisa.

Penso ser relevante explicitar minha compreensão sobre o termo evocado desde o título: “configuração”. Proponho a construção da pesquisa como configuração, pois será sempre uma aproximação, uma tentativa de, operada nas minhas possibilidades concretas em um dado momento, tentando me descaracterizar, portanto, do viés de abstração e de representação da realidade, legado de um pensamento científico cartesiano.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS. Orientador: Prof.º Dr. Cláudio R. Baptista.

Ao configurar as bordas e os contornos que assumem a construção desta pesquisa, apresento, neste capítulo inicial, um esboço cartográfico dos meus critérios de

distinção<sup>2</sup> ou das escolhas que vêm mobilizando e movimentando esta pesquisa e auxiliando-me a construir o meu lugar de pesquisadora-narradora.

Interessada em dialogar com jovens e adultos com deficiência a partir de suas próprias trajetórias de vida, com ênfase nas suas trajetórias escolares, distingo, como fio condutor desta pesquisa, a metodologia de história oral (com enfoque em um de seus desdobramentos ou gêneros, a história oral de vida). Essa abordagem metodológica tem sido considerada pelas pesquisas atuais nas Ciências Sociais e Humanas, como um campo teórico-metodológico que tem o compromisso, ou o impacto propositivo de auxiliar a desmistificar a visão de uma História com vertente epistemológica Estruturalista; responsável, portanto, pela admissão da documentação oral, somente na ausência de documentos escritos, e pela prevalência do registro biográfico de pessoas consideradas personalidades históricas.

Como decorrência principal do aprofundamento dos estudos da metodologia de história oral, identifico a marca da subjetividade com lugar de pertença à produção de um pensamento científico, o que, em certa medida, também justifica meu interesse por essa abordagem. Entendo que o reconhecimento do crivo da subjetividade em produção de história oral resguarda o pesquisador do compromisso ilusório com uma verdade absoluta, a favor da produção de uma verdade como explicação consensuada ou compartilhada pelas partes. Essa postura não dispensa rigorosidade teórica e metodológica, ao contrário, revela um exaustivo investimento do pesquisador na forma, entendendo que esta constitui uma construção teórica.

Especificamente no campo da Educação Especial, as pesquisas amparadas na metodologia de história oral despontam a partir do estudo pioneiro de Glat (1989) e auxiliam a consolidar o lugar do pesquisador em Educação Especial como potencializador de formas de ver e compreender a deficiência além da incapacidade, a partir do encontro com a perspectiva de olhar do sujeito excluído.

Pela metodologia de história oral, a narrativa da pessoa com deficiência ganha legitimidade. Durante muito tempo, o pensamento científico foi responsável por reproduzir uma visão de mundo em que somente “os outros” poderiam falar sobre as pessoas com deficiência. Ocupam este lugar de narração e compartilham notoriamente, de *status* valorativo diferente e desproporcional: a clínica; a família; a instituição especializada de educação especial e, menos frequentemente, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a escola comum.

---

<sup>2</sup> Vocábulo cunhado em Humberto Maturana (1999).

Entendo que a narrativa conduzida pela pessoa com deficiência, a partir da metodologia de história oral, é sintônica com o contexto institucional da Política de Educação Especial no Brasil, construído ao longo da última década, a favor da escolarização das pessoas com deficiência, mediante o respeito à diferença e à alteridade dos sujeitos, pois se trata de uma forma de “falar com eles e não sobre eles”. (GLAT, 1989).

Perante esta investigação, de imediato estabeleço distinções que tratam da minha forma de compreender o mundo e também da minha forma de estar nele, entendendo-as como premissa primordial apoiada numa abordagem de ciência cunhada no pensamento sistêmico de que a realidade só existe como narração produzida por um observador.

A partir do paradigma sistêmico, tratado por Vasconcellos (2010) como “novo-paradigmático”, estabeleço uma interlocução com o biólogo chileno Humberto Maturana. Este autor, ao ocupar-se em aprofundar uma ontologia do conhecer humano e ao entender todo o ser vivo como um sistema fechado determinado por sua estrutura, instaura um salto qualitativo na forma de olhar a vida, perante o entendimento de que “não existe uma realidade independente do observador e de que o conhecimento científico do mundo é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores” (VASCONCELLOS, 2010, p. 102).

Entendo que (re)construir a narrativa das trajetórias de vida sobre a voz dos sujeitos protagonistas, tratando sobre as percepções que eles trazem sobre o lugar da Escola em suas vidas, assim como as autopercepções consolidadas por influência deste mesmo lugar, poderão me propor eixos de análise sobre as possibilidades que a Escola Pública Estadual do Rio Grande do Sul tem proporcionado aos jovens e adultos com deficiência. Além disso, eixos elucidativos sobre os desafios emergentes ou questões perturbadoras para a operacionalização de uma mudança de paradigma no âmbito da Rede, consoante com o movimento de mudança paradigmática da Política de Educação Especial no Brasil.

Na busca pela definição de estratégias para selecionar os sujeitos e propor um novo recorte à pesquisa, elejo, como lupas qualificadoras de meu olhar, a análise da configuração atual desta Rede, a partir de dados quantitativos, obtidos por meio da consulta ao Censo Escolar de 2010 e 2011 e do diálogo com as Assessorias de Educação Inclusiva da 1ª Coordenadoria<sup>3</sup> Regional de Ensino (1ª CRE) e da Secretaria de

---

<sup>3</sup> A SEDUC-RS vincula-se administrativamente a 30 CREs, que atuam como instâncias administrativas concentrando diferentes municípios do Estado.

Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC); a sede administrativa de ambas localiza-se em Porto Alegre.

Também considerarei como critério de distinção para a seleção dos sujeitos a identificação de alunos incluídos na classe comum, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, por reconhecer a potencialidade deste espaço para atender as necessidades específicas desta faixa etária, constituindo-se como meio de prover continuidade ao desenvolvimento humano e social das pessoas com deficiência. Além disso, percebo, na interface entre Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos, uma trajetória histórica sintônica: “encontram-se cada uma em sua perspectiva, em processo de re-definição social” (SIEMS, 2011, p. 67) pela dificuldade enfrentada ao longo dos anos em se reconfigurarem como modalidades de ensino, capazes de garantir os direitos da especificidade de seus sujeitos, eliminando o viés de política compensatória e assistencialista.

Percebo que as próprias manifestações (sejam oralizadas ou silenciadas) dos sujeitos podem ser compreensões metafóricas para eles mesmos, à medida que estarão recuperando histórias concebidas sobre formas de olhar resgatadas pela presentificação da memória, logo, com conotação diferenciada do tempo histórico em que foram vivenciadas. Fundamento essa percepção no pensamento de Maturana (1986, p. 42) de que “viver é conhecer e conhecer é viver”, ampliando e também restringindo as minhas escolhas quanto aos pressupostos norteadores desta pesquisa. Ao estabelecer este contundente aforismo, Maturana (1986) abre possibilidades para que cada sujeito possa ser reconhecido a partir de suas capacidades; em processo de aprendizagem contínuo desencadeado por sua história e circunstância. Portanto, perante as lentes da aprendizagem como prática social inerente à condição de estar vivo, assentarei minha reflexão e a transcrição das histórias que serão narradas pelos sujeitos.

Percebo que meu movimento como pesquisadora-narradora se refaz a cada nuance da pesquisa e que serão os meus critérios de distinção que me permitirão estabelecer canais de diálogo com os sujeitos e seus contextos, com o meu próprio contexto e comigo mesma, independentemente de falarmos do mesmo domínio linguístico<sup>4</sup>. Será a minha percepção (embora seja sempre uma imagem deformada) dos sujeitos pesquisados que me permitirá avançar na compreensão sobre de que forma as

---

<sup>4</sup> Utilizo-me da conceituação de domínio linguístico, a partir de Humberto Maturana, que me auxilia na compreensão de que todas as descrições para uma realidade podem ser consideradas verdadeiras, quando consideradas resultantes de espaços de coerências diferentes, respondendo, portanto, a diferentes perguntas ou modos de ver dos observadores. Assim, Maturana (1999) compreende como operar mediante o mesmo domínio linguístico, a coerência na história de interações entre os organismos.

trajetórias escolares, evidenciadas nas histórias de vida dos sujeitos, vem contribuindo para a composição de seus próprios critérios de distinção (ou formas de olhar e se olhar), mediante os desafios sociais próprios de suas faixas etárias.

Fica evidente que a construção do percurso metodológico da pesquisa será feita a cada nova ação da pesquisa, não sendo possível prever antecipadamente todos os itinerários a serem realizados durante a investigação. Conforme Zago (2003), o trabalho tem demonstrado que, toda vez que o instrumento de pesquisa é revisto, o objeto de pesquisa também é reordenado “segundo uma lógica cada vez mais elaborada”. Assim, problematizar e refletir sobre o percurso metodológico, ao longo de toda a investigação, constitui elemento qualificador importante que deve ser considerado como movimento legítimo em qualquer pesquisa, e, em especial, na opção pela metodologia de história oral, a qual poderá demandar eixos de análise inesperados, sinalizados pelas imagens persistentes na narrativa dos sujeitos.

A presente pesquisa, que está em fase de desenvolvimento, portanto, evidencia muitas questões que mereceriam maior aprofundamento, de forma que me ocupo, nos limites desse texto, da análise da contribuição da metodologia de história oral pelo viés da compreensão sistêmica de ciência, como caminho investigativo na Educação Especial numa perspectiva de Educação Inclusiva.

## **2 A metodologia de história oral: um campo de conhecimento multidisciplinar**

Penso que a introdução do debate sobre a história oral requer uma contextualização histórica referente à evolução dessa prática, no que diz respeito ao papel da história oral no conjunto da historiografia contemporânea.

Conforme o pesquisador francês Joutard (2006, p. 43), “afora a história africana, que, desde os primórdios, serviu-se de fontes orais, a história se constituiu cientificamente, desde o século XVII, a partir da crítica à tradição oral e, mais genericamente, do testemunho.” Portanto, a reintrodução da fonte oral, na segunda metade do século XX, não foi bem aceita pelos historiadores; isso fez com que, por muito tempo, essa discussão tenha permanecido marginal à história acadêmica.

Esse reconhecimento tardio torna-se evidente por meio de duas correntes de entendimento e abrangência da história oral: a dos que defendem uma “história miúda” e a dos que apenas a reconhecem como válida no circuito da “grande história” (MEIHY, 1998). A primeira corrente considera a história oral como uma manifestação social de repercussão política, à medida que procura dar voz a uma “outra história” ou a uma

“história vinda de baixo” (MEIHY, 1998) atendo-se às histórias de pessoas anônimas, comuns e do cotidiano; a segunda corrente admite a fonte oral como complementar ao entrecruzamento de fontes documentais, permanecendo a opção por ocupar-se somente dos “notáveis”.

É notório que o surgimento da história oral, em ambas as correntes, trabalha a favor dos interesses de determinados grupos, revelando a intencionalidade dos pesquisadores ao produzir ciência. Conforme Caiado (2003):

Pode-se afirmar que há diferentes tendências políticas em relação aos pesquisadores oralistas. Tendências que podem priorizar as elites e os notáveis, assim como as populações sem história, “dando voz aos vencidos”. Os diferentes interesses presentes nessas tendências revelam os compromissos da ciência, pois a pesquisa não é neutra, ela expressa uma visão de mundo. (CAIADO, 2003, p. 43)

Percorrendo uma história de marginalidade, com desdobramentos diferentes em vários países, a história oral surge nos Estados Unidos, nos anos 50, e, somente em meados dos anos 70, ocorre sua afirmação no meio acadêmico, a partir da repercussão e da divulgação internacional dessa forma de fazer pesquisa. No Brasil, as primeiras experiências registradas envolvendo história oral ocorreram em 1971, em São Paulo, no Museu da Imagem e do Som (MIS) e no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, em 1972. Em seguida, na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de história oral em 1975. Todavia, os pesquisadores são unânimes em apontar, como o marco na produção de pesquisa em história oral no Brasil, a criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediada pela Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, em 1975 (JOUTARD, 2006; FREITAS, 2002).

Na década de 1990, as pesquisas em história oral passam a privilegiar a valorização da subjetividade, como substrato dessa abordagem metodológica. Para alguns estudiosos, trata-se da própria finalidade da história oral: “Onde a História vê fragilidade, a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original.” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34).

Compartilho da visão dos teóricos que, ao discutirem a valorização da subjetividade como princípio científico, estendem essa leitura à História de forma ampla, logo, a quaisquer áreas de conhecimento ou domínios linguísticos:

Porém reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o

trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Pode-se mesmo dizer, sem paradoxo que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico. (JOUTARD, 2006, p. 57)

Penso ser possível perceber, a partir da narrativa feita, que a história oral se desenvolve relacionada ao desenvolvimento da história contemporânea e intensifica-se pelo movimento democrático, que passa a reconhecer a pertinência de temáticas vinculadas a sujeitos, envolvendo situações até então desconsideradas, tais como questões de gênero (a mulher); efeitos migratórios; catástrofes; questões políticas.

A evolução dos recursos tecnológicos também contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de novos suportes de registros e maior aceitação da história oral, haja vista a maior facilitação da criação de acervos<sup>5</sup>.

A (re)construção da memória e da identidade passa a ser o objetivo central dos projetos de história oral contemporâneos, como forma de se ater à “história do tempo presente” (MEIHY) e de identificar o processo histórico em sua dinamicidade: “Ela é sempre uma história do presente, reconhecida como uma história viva (MEIHY, 2002, p. 15).

Nessa perspectiva atual, posiciono-me pela compreensão de história oral como uma abordagem de pesquisa que requer ato premeditado, exigindo rigorosidade teórica e metodológica. Perante este viés, qualquer manifestação da oralidade humana, não pode ser considerada história oral:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para seu uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 1998, p. 24)

Assim, a produção em história oral está vinculada à execução de um projeto que requer etapas a serem previamente planejadas. A caracterização das etapas evidencia a centralidade que é dada ao tratamento da informação de fonte oral, para a qual se admite inclusive a transcrição, seja pelo pesquisador-entrevistador, seja pelo futuro leitor da pesquisa, igualmente reconhecido como sujeito ativo.

---

<sup>5</sup> Em um projeto de historiografia oral, a criação do acervo ou arquivamento das gravações é uma etapa recomendada pelos pesquisadores das Ciências Sociais (MEIHY, 1998), a que faço referência apenas para ilustração da produção teórica que envolve essa abordagem, uma vez que essa etapa não está prevista em meu projeto de pesquisa.



A história oral surge, nessa perspectiva, como um campo multidisciplinar, influenciada por diferentes áreas de conhecimento, e não necessariamente como um domínio linguístico distinto.

Ao reconhecer a história oral como um campo de influência multidisciplinar, abro parêntese para uma nova discussão resultante da valorização e repercussão da história oral, que se relaciona a sua definição, como técnica, disciplina ou metodologia. Os defensores da história oral (grupo que soma a maioria dos pesquisadores) como metodologia reconhecem que ela repousa sobre um território específico de conhecimentos, de forma que, ao defini-la como metodologia, vai além de uma prática instrumental.

Pela familiaridade com uma abordagem de ciência a partir do paradigma sistêmico, que busca a relação entre as partes ou a visão do todo, entendo ser mais coerente com esta pesquisa, a abordagem da história oral como metodologia. Essa interpretação confere tratamento multi e interdisciplinar e apoio em diferentes domínios linguísticos no momento de transcrição das narrativas dos sujeitos; centralidade da fonte oral como instrumento de pesquisa; interlocução entre a história oral como campo teórico e prático para abordar a relação epistemológica intrínseca entre teoria e prática na construção do conhecimento.

Reitero, ainda, em sintonia com esse pensamento, o reconhecimento de que todos os campos ou domínios linguísticos ou todas as áreas do conhecimento são suscetíveis de promover o comprometimento sociopolítico, e não apenas a história oral, como disciplina com relevância de cunho filosófico.

Certamente, ao propor a discussão sobre a definição de história oral, não me preocupo tanto com qual escolha deve ser feita, e sim com a fundamentação desta escolha, pois, desse modo, contribuo para que o debate da história oral associado à Educação Especial possa ser aprimorado.

Dentre as modalidades da história oral (história oral de vida; história oral temática; tradição oral), faço a opção pela modalidade da história oral de vida, pois tem sido uma das formas mais cultivadas do gênero, e, como o próprio nome sugere, trata da narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa. (MEIHY, 1998)

O entrevistado ou colaborador<sup>6</sup> tem liberdade para dissertar sobre sua vida, conduzindo o desencadeamento da história conforme sua vontade, de modo que Meihy (1998, p. 45) sugere que “nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem

---

<sup>6</sup> Termo que tem sido preferido pelos pesquisadores em história oral ao se referirem aos sujeitos da pesquisa, reconhecendo a participação ativa destes nos resultados finais da pesquisa.

ser amplas, sempre apresentadas em grandes blocos, de forma indicativa dos acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado”.

Das questões conceituais tratadas neste capítulo, sobressai-se, como aspecto relevante, a compreensão da história oral como uma metodologia, com o olhar criterioso de que o resultado da entrevista não é a narrativa. O resultado da entrevista transcrito em texto é a fonte oral, a qual será analisada pelo pesquisador, como qualquer outro documento, e ele desenvolverá uma produção discursiva a respeito, ou, como se intitula na metodologia de história oral, uma narrativa oral.

### **3 A metodologia de história oral e a área da Educação Especial**

A metodologia de história oral vem ganhando força entre os pesquisadores em Educação Especial pelo fato de eles a compreenderem como uma possibilidade de aproximação da voz dos grupos estigmatizados, como a dos marginalizados, a dos excluídos ou a dos deficientes.

No Brasil, desde o estudo pioneiro no uso da metodologia de história oral, no gênero de História de Vida, na área de Educação Especial, por meio da tese de doutorado de Glat (1989), que se dedicou a ouvir mulheres diagnosticadas com deficiência mental, sucederam-se outras pesquisas que privilegiaram essa metodologia. A partir de busca realizada no Banco de Teses e Dissertações do Portal Capes<sup>7</sup> e da retomada de algumas produções consideradas referências importantes em artigos de periódicos e/ou livros sobre o tema, destaco os seguintes trabalhos: Glat (1989); Canejo (1996); Santos e Glat (1999); Duque (2001); Nogueira (2002); Kassar (1999); Meletti (2003); Caiado (2003); Carneiro (2007); Féres Valle (2004); Rosseto (2010) e Caiado et al (2011).

Ao fazerem a opção pela metodologia de história oral, os pesquisadores citados são unânimes em afirmar a possibilidade, a partir dessa abordagem, de construção de um lugar às pessoas com deficiência, que problematize e rompa com o estigma da incapacidade.

Por meio da transcrição das entrevistas realizadas com os sujeitos com deficiência mental, as histórias de vida de cada um deles são consideradas em sua singularidade, como expressão de identidade, desmistificando assim, o discurso de

---

<sup>7</sup> Foram utilizados, para busca no Portal Capes os seguintes descritores: jovens e adultos com deficiência; histórias de vida, assim como as expressões já citadas, associadas à escolarização, resultando em 13 pesquisas. Destas, foram selecionadas e apresentadas, neste texto, 04 pesquisas. São elas: Caiado (2002); Féres Valle (2004); Carneiro (2007) e Rosseto (2010).

homogeneidade entre as pessoas com deficiência mental ou de suscetibilidade ao enquadramento rígido em um diagnóstico.

Fica evidente, nas pesquisas tratadas, a utilização do método de história de vida como abordagem teórico-metodológica que permite pensar os sujeitos como pessoas, e não como categorias expressas pelo diagnóstico da deficiência, logo, o cotidiano do entrevistado, seus pequenos eventos do dia a dia compõem material para análise. Torna-se claro que cada um dos indivíduos estudados compartilha de uma problemática de vida comum, enfrentam desafios similares, expectativas típicas de sua condição social, e isso determina alguns eixos de análise a partir das constantes grupais, sem perder de vista a individualidade deles.

Toma-se, assim, a história de vida como uma unidade de análise reveladora da relação entre o social e o indivíduo. História de vida que expressa as possibilidades históricas concretas de aquela vida se constituir. (Caiado, 2003, p. 45)

Também se salienta nas pesquisas a preocupação com o tratamento metodológico das entrevistas, como material de fonte oral, a ser lapidado sob o viés das narrativas orais. Nesse sentido, Caiado (2003) reforça o posicionamento de que o entrevistador deva suscitar no entrevistado o diálogo livre, narrando todas as etapas de sua vida, se assim julgar pertinente, permitindo que conduza o rumo das lembranças, mesmo que estas, à primeira vista, possam parecer emaranhadas e contraditórias. Carneiro (2007) analisa o produto final da relação entrevistador-narrador (que, por sua vez, rompe com a tradicional relação entrevistador-entrevistado) como uma história narrada de forma coletiva. Desse modo, Carneiro (2007) pontua que “o interesse central na utilização dos métodos narrativos não é o de conhecer uma verdade que possa ser comprovada, mas de conhecer a verdade articulada pelo narrador”. (CARNEIRO, 2007, p. 08). Os silenciamentos ou o não dito pelos sujeitos também são motivadores de apreciação e análise pelo pesquisador (CAIADO et al, 2011; ROSSETO, 2010; CARNEIRO, 2011). Junto-me aos pesquisadores, salientando que compreender a linguagem<sup>8</sup>, como um modo de ser e de estar no mundo, que vai além da racionalidade da linguagem verbal, é premissa necessária para “aceitar o outro como legítimo outro”, e isso é um desafio, tendo em vista a escolha metodológica feita.

---

<sup>8</sup> Maturana, autor destacado neste estudo, ao referir-se à linguagem, prefere o termo “linguajar” para esclarecer que é um modo; um domínio de ação, atividade ou comportamento e não uma faculdade; é próprio da espécie humana; é uma interpretação mais usual.

O conjunto das pesquisas abordadas forma um corpo teórico relevante para compreender a utilização da metodologia de história oral como perspectiva teórico-metodológica para a problematização de novos estudos e pesquisas a favor da inclusão da pessoa com deficiência. Do mesmo modo, tais estudos apontam itinerários metodológicos que precisam ser consideradas em qualquer estudo que enfoque a metodologia de história oral.

#### 4 A metodologia de história oral e o pensamento sistêmico

A metodologia de história oral, ao se afirmar nos pressupostos de uma nova compreensão de ciência, representa a tentativa de superação de um paradigma de ciência tradicional em que uma teoria só poderia ser considerada científica, almejando princípios como a simplicidade, objetividade, estabilidade na interpretação de um dado fato ou acontecimento. Esse caminho explicativo assumido pela ciência, quando não considera necessariamente a ação do observador, o biólogo Humberto Maturana (2002) define como *objetividade sem parênteses*.

A metodologia de história oral, ao valorizar a memória como fonte de produção de conhecimento, amplia a compreensão de *fontes* de pesquisa e modifica a leitura tradicional relativa aos conceitos de verdade e realidade. Ambos os conceitos passam a ser admitidos como vocábulos polissêmicos e são associados à condição de provisoriedade e instabilidade. “A verdade ou o real nada mais é que uma construção cultural” (SILVEIRA, 2005, p. 2).

Esse outro caminho explicativo para as proposições científicas, Humberto Maturana (2002) trata como *objetividade entre parênteses*. Para essa interpretação, aceitam-se as perguntas a partir da capacidade humana de observar (MATURANA, 2002).

Na compreensão de Vasconcellos (2010), a categoria explicativa da objetividade entre parênteses consolida a abordagem novo-paradigmática emergente de ciência, a partir do século XX:

A objetividade entre parênteses é então a dimensão do paradigma que traz o sujeito do conhecimento para o âmbito da ciência, superando a ruptura que nos foi legada por Descartes. A ciência agora pode tratar cientificamente tanto do objeto quanto do sujeito do conhecimento (VASCONCELLOS, 2010, p. 167).

Dessa forma, o uso da história oral auxilia a construção de narrativas em que a escrita de uma história jamais é a representação exata daquilo que existiu, mas que se esforça em propor uma “inteligibilidade” (SILVEIRA, 2007) e a compreender como o passado chega até o presente, por meio dos significados atribuídos às próprias memórias pelos sujeitos entrevistados.

Reconhecer a produção de uma explicação científica associada à figura do observador-pesquisador, em história oral, significa assimilar a dupla tarefa do pesquisador, como entrevistador-narrador, ou como aquele que, ao escutar a voz dos sujeitos em evidência, compreende que a validação desta voz como narrativa é construída a partir dos seus critérios de aceitação ou de distinção. Estes, por sua vez, são construídos com base em sua experiência como pesquisador.

Perante esse olhar ou caminho investigativo, é possível visualizar aspectos de uma abordagem de ciência sistêmica, sintetizada por Vasconcellos (2010) a partir de três pressupostos: da simplicidade para a complexidade; da estabilidade para a instabilidade; da objetividade para a intersubjetividade. Minha preocupação como pesquisadora-narradora é a de assegurar que a presente pesquisa seja regida por esses pressupostos, exercitando a ampliação do foco das relações, como forma de olhar para os sujeitos entrevistados, superando as interpretações dualistas e aceitando as contradições como complementares e integrantes do fenômeno analisado.

Pensar a complexidade exige o esforço de desviar o olhar do sujeito como objeto de estudo para o sujeito em contexto. Representa superar o padrão científico tradicional que separa e classifica os fenômenos em partes e depois, procede à soma ou à síntese, em uma relação “esgotada” pela ciência. Utilizo-me de uma ilustração de Vasconcellos (2010), que penso estar adequada perfeitamente ao sujeito em contexto que estou delineando: a pessoa com deficiência. A autora exemplifica que tratar da complexidade significa compreender que uma pessoa não é autônoma *ou* dependente, mas que pode ser autônoma *e* dependente, dependendo do contexto relacional (VASCONCELLOS, 2010). Logo, “o desafio será o de manter as diferenças como legítimas, fazendo-as comunicarem-se (...)” (VASCONCELLOS, 2010, p. 165).

A associação à pesquisa de termos como trajetória, percurso, caminho, história de vida, de antemão, anuncia a busca de uma possibilidade de leitura do sistema ou do sujeito em contexto a partir de suas características dinâmicas de autoprodução de sua *estrutura*, descritas pela teoria da *autopoiese*<sup>9</sup> de Maturana e Varela (1995).

---

<sup>9</sup> *Autopoiese* é uma palavra composta dos termos gregos “auto” e “puéis” que significa criação, construção. Portanto, *autopoiese* significa autoconstrução. Maturana e Varela demonstram a

O ato de conhecer implica um critério de distinção e reconhecimento de uma ideia implícita de organização. Ao responder sobre a organização dos seres vivos ou critérios que os distinguem como classe, Maturana e Varela explicitam que os seres vivos se caracterizam por se produzirem continuamente a si mesmos, o que é definido pelos pesquisadores, como *organização autopoietica*.

A organização dos seres vivos é invariante e define uma “classe de identidade” (MATURANA, 1999, p. 191). A mudança na organização representa a desintegração do sistema. Ao mesmo tempo, um sistema vivo está sempre em modificação de sua estrutura, como unidade particular de uma dada classe. Esse raciocínio parece bastante esclarecedor no sentido de compreendermos que cada ser humano só é um indivíduo no contexto em que se integra, de forma que suas percepções e autopercepções estão influenciadas por sua organização e pelas interações que ele estabelece. Conforme Maturana (1999, p. 193): “um ser humano não é um indivíduo senão no contexto de sistemas sociais onde ele se integra, e sem seres humanos individuais não haveria fenômenos sociais”.

Priorizar as narrativas da memória, em história oral, significa produzir narrativas de identidade, à medida que o sujeito revela como vê a si mesmo e como vê o mundo. Sobre esse aspecto, é preciso compreender que uma memória individual é, igualmente, uma memória social (MEIHY e HOLANDA, 2007). Desse modo, produzir a narrativa oral, individualizada de cada sujeito, é produzir uma história social; é transpor os limites de um estudo de caso, reconhecendo os vínculos com os múltiplos aspectos da vivência coletiva. E, com relação a esse aspecto, encontro pontos de convergência para sustentar a presente pesquisa, a partir de uma abordagem sistêmica de ciência. Fica evidente a compreensão de sujeito, como sistema autônomo, dado pela relação intrínseca e original dos fatores biológicos e sociais. Para Maturana e Varela (1995, p. 43), “não há contradição entre o individual e o social, porque são mutuamente gerativos”, ou seja, os indivíduos em interação constituem o social, mas o social é o meio em que esses seres se realizam como indivíduos.

Saliento, também, a perspectiva de entender o todo além da soma das partes e das particularidades, de modo que a unidade e a coerência entre as partes se estabeleçam a partir da “repetição de certos fatores”. Maturana trata este operar perante uma verdade consensuada entre as partes, como operar mediante o mesmo

---

organização autopoietica a partir de uma unidade celular autopoietica diretamente relacionada a uma contínua rede de interações, observando que os seres vivos estão em contínua mudança de sua estrutura, apesar de terem a mesma *organização*.

domínio linguístico. Significa entender o domínio das ações dos sujeitos, compreendendo “a linguagem como um operar em coordenações de coordenações de ações.” (MATURANA, 2002, p. 91), assim como “todo ato de conhecer produz um mundo” (MATURANA; VARELLA, 1995, p. 60), mediante a inseparabilidade entre ação e experiência, entre conhecer e fazer ou entre conhecer e viver, compreendendo experiência como tudo que acontece no plano da linguagem.

A atribuição de significado às memórias pelos sujeitos ou as distinções processadas pelo sujeito na visitação às suas memórias compõem o alicerce para alinhar uma conversa em mesmo ou em distinto domínio linguístico. Esse princípio dialógico só é possível perante a compreensão de que todos os sujeitos dispõem de conhecimento potencial a respeito da proposição de uma explicação científica, pela “aceitação do outro como legítimo outro” (MATURANA, 2002).

Reafirmando a construção elaborada até o momento, destaco os conceitos de Maturana de objetividade entre parênteses, distinção, domínio linguístico, organização e estrutura, autopoiese, como pilares sustentadores da perspectiva de ciência deste trabalho. Considero-os conceitos capazes de fomentar a reflexão teórico-metodológica sobre a Educação Especial articulada à metodologia de história oral, consolidando a compreensão de sujeito como um sistema vivo e autônomo, orgânico e social e operando “a aceitação do outro como legítimo outro” (MATURANA, 2002), como critério de distinção primordial na construção das narrativas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; AMORIM, M.; BARBOSA, X. Performance e Objeto Biográfico: questões para a história oral de vida. **Oralidades: Revista de História Oral**, USP, v.2, p.101-109, 2007.

CAIADO, K. R. et al. Educação e Deficiência na voz de quem viveu essa trama: apoios e atendimentos durante a trajetória escolar. **VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação Especial: prática pedagógica na Educação Especial: multiplicidade do atendimento educacional especializado**. Nova Almeida, p. 01-15, abr. 2011.

CAIADO, K.R.M. **Aluno deficiente na escola: lembranças e depoimentos**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

CANEJO, E. **A reintegração dos portadores de cegueira adquirida na idade adulta: uma abordagem psicossocial**. 1986. 109f. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1986.

CARNEIRO, M. S.C. **Deficiência mental como produção social: uma discussão a partir de histórias de vida de adultos com síndrome de Down**, 2007. 193f. Tese

(Doutorado em Educação), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

DUQUE, F. O. **Com a palavra os portadores de altas habilidades:** características, gostos e necessidades. 2001. 115f. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

FÉRES VALLE, Maria Helena. **Vivências de pessoas com deficiência mental inseridas no mercado de trabalho.** 2004. 90p. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

FREITAS, S. M. de. Prefácio à edição brasileira. In: THOMPSON, P. **A voz do passado História Oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 14-19.

GLAT, R. et al. O método de história de vida em Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 10, n.2, p. 235-250, 2004.

GLAT, R. **Somos iguais a vocês:** depoimentos de mulheres com deficiência mental. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO (Org.). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 43-64.

KASSAR, M.C.M. **Modos de participação e constituição de sujeitos nas práticas sociais:** institucionalização de pessoas com deficiência múltipla. 1999. Tese (Doutorado), Campinas: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 1999.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na Educação e na Política.** 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, H.; VARELLA, F. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Psy II, 1986.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, Fabiana. **História oral:** como fazer e como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLETTI, S.M.F. O relato oral como recurso metodológico de pesquisas em educação especial. In: Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, 3, **Anais...** Londrina, 2003.

NOGUEIRA, M. L. de. **Educação Inclusiva:** uma reflexão a partir da fala de universitários portadores de necessidades especiais, 2002, 127f. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

ROSSETO, Elisabeth. **Sujeitos com deficiência no Ensino Superior:** vozes e significados. 2010, 238p. Tese (Doutorado em Educação), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.



SANTOS, R.S.; GLAT, R. **Ser mãe de uma criança especial: do sonho à realidade.** Rio de Janeiro: Anna Nery/UFRJ, 1999.

SIEMS, M. E. R. Educação de jovens e adultos com deficiência: caminhos em construção. In: **Educação de Jovens e Adultos: Trabalhos premiados ANPED.** Educação em Foco. Juiz de Fora: UFJF, v. 16, n. 2, set 2011/fev. 2012. p. 61-79.

SILVEIRA, Éder da Silva. História oral e memória: a construção de um perfil de historiador-etnográfico. **Ciência e Conhecimento - Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo**, v. 01, 2007, História, A.2 Disponível em: < <http://www.cienciaeconhecimento.com> >. Acesso em: 14 dez. 2011.

VASCONCELLOS, M. E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência.** 9. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A.T. (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa.** Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-308.